

Carlos Gomes: fotografia, embranquecimento e negociações da (auto)imagem, séculos XIX e XX.

Palavras-Chave: Carlos Gomes; embranquecimento; memória nacional; fotografia.

Autora:

Isabelle Cristine de Souza Germano [Instituto de Artes]

Orientadora:

Prof^a Dr^a Raquel Gryszczenko Alves Gomes [Instituto de Filosofia e Ciências Humanas]

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa tem como objetivo compreender o processo de embranquecimento de Carlos Gomes e, em seguida, divulgar os resultados e as reflexões em uma conta do Instagram. O musicista nasceu em 1836, na cidade de Campinas, filho de Fabiana Maria Jaguari Cardoso e de Manuel José Gomes, que trabalhava como compositor, tocava nas igrejas e eventos festivos da cidade, e que passou seus conhecimentos ao filho. Carlos Gomes teve sua trajetória destacada recentemente por ser o primeiro musicista brasileiro a conquistar uma carreira internacional, além do destaque para as temáticas brasileiras em sua composição. O artista faleceu em 1896, na cidade de Belém, e foi sepultado em um monumento-túmulo instalado no centro de Campinas.

Os registros de sua memória pelos os espaços da cidade Campinas contribuem para a reformulação e recuperação da imagem do musicista nos dias atuais. A partir das documentações coletadas como, por exemplo, fotografias e manuscritos, além da análise de seu monumento, é possível traçar pontos de uma narrativa que permite compreender o seu processo de embranquecimento e como isso impacta no reconhecimento de sua identidade racial nos dias atuais. As análises documentais possibilitam questionamentos sobre a percepção do próprio artista na construção de sua imagem.

Se a memória nacional é composta por uma construção de narrativa das personalidades destacadas, é preciso entender como o indivíduo negro está representado entre elas. Como afirma Lilia Schwarcz, "é possível descobrir intencionalidade na cultura política, mas também atentar para o fortalecimento de um imaginário nacional" (SCHWARCZ, 2001, p.10) e o imaginário nacional é construído a partir dessas representações que se propagam com os discursos. No Brasil, a descrição dos corpos negros e indígenas surge com a colonização, quando são inicialmente classificados como bárbaros, selvagens e exóticos. Até então o termo raça não era utilizado com vínculo biológico, mas sim para caracterizar um povo que tinha uma origem em comum.

No século XIX, as teorias do Darwinismo Social fizeram com que atributos externos fossem parâmetros para a definição da moral de determinados povos, contribuindo para que o Brasil começasse a ser visto pelas questões raciais. Além disso, no ano de 1844, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro realizou um concurso para premiar a melhor narrativa que representasse a história do país, o ganhador foi o estrangeiro Von Martius que resumiu a trajetória do país no mito das três raças.

Com os estudos sobre a miscigenação, surge a teoria do branqueamento da população do país a partir do nascimento de novas gerações, representando uma "solução" gradual para o problema racial.

METODOLOGIA:

A pesquisa se deu a partir de leituras sobre o racismo, biografias de Carlos Gomes, documentações acessadas em acervos como Centro de Memória da Unicamp (CMU) e Museu de Imagem e Som de Campinas (MIS), que possibilitaram o acesso a fotografias que, em conjunto da leitura do livro *Carlos Gomes: rápido escorço de sua vida atormentada e da sua arte triunfadora* (1955), de Salvatore Ruberti, permitiram a datação de algumas documentações, já que as informações sobre os registros se perderam.

As correspondências acessadas são referências cruciais para investigar se o próprio musicista tinha consciência do processo de negociação de sua identidade racial - e, embora não tenha sido possível, total de acesso à elas, ainda está sendo realizado um levantamento a partir de livros que utilizam as cartas para a construção de narrativas ou que compõem o corpo dos textos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Carlos Gomes possui diferentes descrições e entendimento sobre sua figura: na Itália, em Milão, cidade que foi buscar aperfeiçoamento musical e tornou-se a cidade que alavancou sua carreira internacional; a dos brasileiros; e sua própria concepção. Milão foi a cidade de estréia do seu sucesso conhecido até hoje, *O Guarani* e, segundo Jorge Coli, os italianos viam no maestro uma aparência exótica e sedutora e que muitas vezes era comparado com os personagens da ópera identificando-o como selvagem (COLI, 1986, p.111).

O campineiro foi associado à Scapigliatura, um movimento artístico que se desenvolveu na Itália, termo que significa “descabelados” e aos olhos dos italianos, a figura de Carlos Gomes com seus cabelos despenteados e suas atitudes, era relacionada à falta de civilidade. Além disso, o conhecimento da origem brasileira do musicista associada ao país dos índios e a selvageria atraía os olhares pelo interesse do diferente e exótico. Assim, utilizavam sua imagem recorrentemente nas caricaturas e ressaltavam seus cabelos e o grande bigode, como na imagem abaixo.



Figura 1: Caricatura de Carlos Gomes - Acessada na Revista Brasil-Europa

Ao contrário dos italianos, no Brasil, o reconhecimento do artista como negro ocorreu em alguns momentos, mas, em sua maioria, era difícil ser reconhecido dessa forma, por ser o momento de ascensão das políticas de branqueamento da população e pelo artista ter um tom de pele mais claro, já que era filho de indígena e negro. Apesar do seu cabelo, nariz e o bigode receberem comentários, temos a questão de que o seu pai também foi embranquecido, pois mesmo sendo preto retinto é registrado como pardo. Este fato associado aos registros fotográficos possibilitam uma ambiguidade ao buscar reconhecer sua identidade racial.

Nas fotografias observa-se padrões de repetições que permitem interpretar uma preocupação ideológica/política na construção da imagem do musicista. A foto de sua adolescência é uma das mais usadas na internet e de fácil acesso. Nela seu nariz aparenta estar mais fino do que em outras documentações, mas em um geral, todas são em preto e branco, com roupas sociais, representado da cintura para cima na posição três quartos, com o semblante sério e olhar no horizonte. Além disso, é possível perceber a presença de um foco de luz concentrado bem no rosto do compositor, de forma que clareia sua pele e o branco fica mais estourado.

Se a identificação da racialidade no Brasil ocorre primeiramente pela coloração da pele, a luz é um dos fatores determinantes para a percepção do artista como branco. Além de que quando a população negra e indígena estão presentes em representações da população negra, não são encontradas em posições de protagonismo e nem bem vestidas. Enquanto no registro de Carlos Gomes, ele está bem vestido e destacado, já que o fundo neutro ressalta quem está no primeiro plano e permite maior controle do ambiente e da imagem que está sendo representada. De forma que quando os retratos são acessados visualmente, ele não é primeiramente reconhecido como negro.



Figura 2: Antonio Carlos Gomes em sua adolescência, por volta de 1870, retirado do livro de Salvatore Ruberti

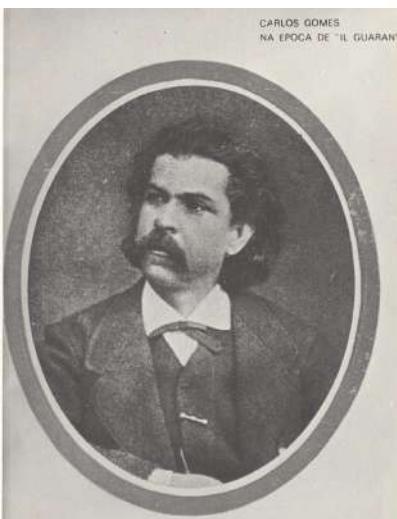


Figura 3: Antonio Carlos Gomes por volta de 1880. Coleção MIS - Campinas

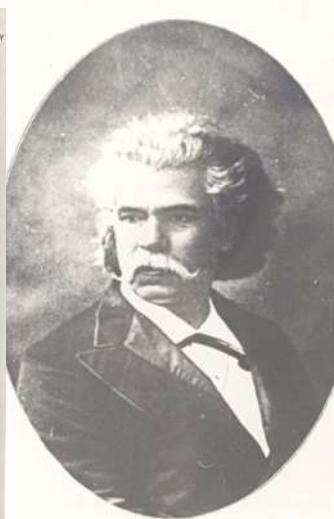


Figura 4: Antonio Carlos Gomes, por volta de 1890, Coleção MIS - Maria Luiza Pinto de Moura

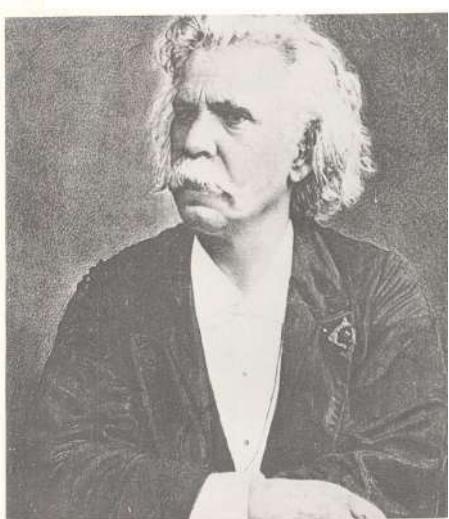


Figura 5: Antonio Carlos Gomes em 1896. Coleção MIS - Campinas

Em um jornal da Hemeroteca Digital publicado após sua morte, na *Ilustração Paulista* em 1910, menciona um evento racista ocorrido no Rio de Janeiro. A reportagem, *Pretos e Brancos*, reforça que a ação foi realizada por pessoas da América do Norte, utiliza nomes de artistas negros, entre eles Carlos Gomes, para afirmar que no Brasil não ocorre racismo, se valendo de suas grandes personalidades negras. Apesar deste reconhecimento, chama a atenção como o musicista foi apresentado "E Carlos Gomes o inesquecível cantor do Guarany, não era branco" (PIECROT, 1910), pois quem escreve não está afirmando como negro, deixando uma interpretação subjetiva da

identidade real do compositor, mas que é compreendido como uma referência do artista como negro por ser uma reportagem que “denuncia” o ato racista ocorrido.

Até o momento pouco foi encontrado nas cartas escritas sobre sua aparência ou incômodo dos comentários sobre ela mas no livro de Salvatore Ruberti, há uma carta em que o musicista escreve dedicando sua ópera *Lo Schiavo* à princesa Isabel, que assinou a lei da abolição a escravatura, mostrando que havia um interesse pela temática ao escrever a composição e também em mandar uma carta referente ao assunto para princesa. Assim, com esse pronunciamento, faz com que haja questionamentos se eram temáticas em que o autor se posicionava e se existiam outras ações abolicionistas de sua parte, indagações que não surgiram apenas atualmente.

Ruberti vai narrar um caso descrito por Hermes Pio Vieira sobre o maestro usar sua influência para conseguir a carta de liberdade de um escravo que encontrou nas ruas de Campinas tocando sua música em uma sanfona. O encontro que aconteceu na rua é descrito a partir de um diálogo no qual o musicista se oferece para ensinar tocar a música toda, mas o moço nega e durante a conversa Carlos Gomes aparenta querer recompensar o rapaz, dessa forma pergunta o que o deixaria feliz e ele diz ser livre, assim ao conversar com seu “senhor” volta com a carta de sua liberdade. No final da descrição da história, Ruberti finaliza com a afirmação de que o maestro possuía ânsia de libertar os seus semelhantes (RUBERTI, 1955, p.63). Novamente, aparecendo um reconhecimento sutil sobre sua identidade racial.

Na maioria de suas correspondências, nota-se o interesse do musicista nas temáticas consideradas brasileiras e afirmações veementes de sua nacionalidade, visto que surgiram questionamentos dos brasileiros sobre seu interesse de se naturalizar italiano, vontade negada todas as vezes por ele.

CONCLUSÕES:

A construção da memória de Carlos Gomes é realizada a partir de vários registros e suportes, portanto, podemos ter acesso às representações do artista em diferentes momentos e lugares, construindo e reforçando um referencial imagético do maestro. Como todo material produzido traz uma narrativa, foi necessário analisar o contexto, quem realizou, quais os elementos compostivos e quais mensagens traziam, já que reconhecemos que são materiais realizados a partir de um ponto de vista e que são cruciais para as interpretações existentes sobre sua identidade racial.

Nas documentações e leituras empreendidas, foi possível observar três olhares sobre o musicista: o olhar europeu ou italiano, que destacava características de sua aparência física, associando-o ao exótico e selvagem e vinculando a sua imagem à história do Brasil, na qual o indígena e o negro não eram civilizados; o olhar do brasileiro, que o tinha como um ícone por ter uma carreira internacional, mas ao mesmo tempo, questionado frequentemente sobre a sua nacionalidade e se realmente se reconhecia como brasileiro, já que seu reconhecimento racial oscilava e, quando afirmado como negro, ocorria de forma velada para justificar um país sem preconceito racial; e, por fim, o olhar do próprio compositor que, embora ainda não tenha sido apresentado em uma afirmação explícita de sua identidade, podemos observar a partir de seus interesses nas temáticas raciais e a insistência em afirmar-se brasileiro, apesar do tom pejorativo existente na Itália. Observamos, com suas atitudes, um ato de auto identificação e reafirmação presente em suas correspondências.

BIBLIOGRAFIA

BETTENCOURT, Gastão de. A vida ansiosa e atormentada de um gênio: (Antônio Carlos Gomes). Lisboa: Clássica, 1945.

CENTRO DE MEMÓRIA – UNICAMP. Você sabe onde descansa o compositor da ópera brasileira mais famosa no mundo? Campinas, SP, 24 julho 2020. Facebook: Centro de Memória – Unicamp. Disponível em:

<https://www.facebook.com/CentroDeMemoria/posts/pfbid0r3UMrKbPjh2XkLuVMppzH3oavyKV4oAxkTeoR8EQcaVYgAvzgTKaw6torQFDB42il>. Acesso em: 18. Jul. 2022

COLI, Jorge. Carlos Gomes: a grande travessia. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 26, p. 105-114, 1986

PIECROT, Fabricio. Pretos e Brancos in: Ilustração Paulista, edição:0004, 1910.

REVISTA BRASIL-EUROPA. Antonio Carlos Gomes (1836-1896) e a Scapigliatura lombarda Descabelamento, caricatura, tolerância e liberdade Extensões da mocidade acadêmica paulista na Itália?. Disponível em: http://revista.brasil-europa.eu/161/Carlos_Gomes_e_Scapigliatura.html Acesso em: 26. Jun. 2022

RUBERTI, Salvattore. Carlos Gomes: rápido escorço de sua vida atormentada e da sua arte triunfadora. São Paulo: Irmãos Irmãos Vitale. 1955.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Racismo no Brasil: Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo, SP: Publifolha, 2001.

SILVA, Sabrina Santos et al. Parecer Branco para não ser discriminado? Revisão Sistemática sobre Estratégias de Embranquecimento. **PSI UNISC**, v. 4, n. 2, p. 114-130, 2020.

VACCARI, Pedro. O Padre José Maurício Nunes Garcia e o mulatismo musical: embranquecimento histórico?. **Revista Música**, v. 18, n. 1, p. 170-185, 2018.

VACCARI, Pedro Razzante. O negro e a música nos trópicos: o embranquecimento histórico do padre José Maurício Nunes Garcia. 2021.